



**SEMINARIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE:
PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO**

**EIXO TEMÁTICO: Divulgação e comunicação como estratégia de
enfrentamento à desinformação em Ciência e Saúde**

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO CLIMATÉRIO E A DESINFORMAÇÃO
ONLINE**

USAGE OF MEDICAL PLANTS IN THE CLIMACTERIC AND ONLINE

Debora de Castro Soares; Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ -
Farmanguinhos); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).¹

Elaine Cristina Ferreira Dias – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ -
Farmanguinhos);²

Ana Claudia Fernandes Amaral – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ -
Farmanguinhos)³

Resumo: Este trabalho aborda a circulação de informações sobre o uso de plantas medicinais e fitoterápicos no manejo dos sintomas do climatério, considerando os riscos associados à desinformação em saúde nas plataformas digitais. O objetivo deste artigo é analisar os conteúdos divulgados nas plataformas digitais, confrontando-os com as diretrizes oficiais e baseadas em evidências na saúde da mulher. A abordagem metodológica do projeto foi a etnografia digital no mapeamento dos conteúdos sobre indicação de tratamento para sintomas climatéricos e análise documental frente às

¹ Debora de Castro Soare, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ - Farmanguinhos); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), debordecastrosoares@gmail.com

² Elaine Cristina Ferreira Dias, Fundação Oswaldo Cruz – FARMANGUINHOS, elaine.dias@fiocruz.br

³ Ana Claudia Fernandes Amaral, Fundação Oswaldo Cruz – FARMANGUINHOS, ana.amaral@fiocruz.br

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

recomendações oficiais do Ministério da Saúde. Os resultados apontam ampla circulação de informações não validadas, muitas vezes divulgadas por perfis institucionais e influenciadores, que indicam plantas e fitoterápicos para tratamento dos sintomas. Ampliar o acesso à informação confiável em diferentes ambientes, seja na mídia, nas redes sociais digitais, ou nos espaços comunitários, é essencial para fortalecer a capacidade da sociedade de discernir entre dados e informações falsas.

Palavras-chave: desinformação; climatério; menopausa; fitoterapia; plantas medicinais.

Abstract: This paper addresses the circulation of information on the use of medicinal plants and herbal medicines in the management of climacteric symptoms, considering the risks associated with health misinformation on digital platforms. The objective of this article is to analyze the content disseminated on digital platforms, comparing it with official and evidence-based guidelines on women's health. The methodological approach of the project was digital ethnography in mapping the content on indications for treatment of climacteric symptoms and document analysis in relation to the official recommendations of the Ministry of Health. The results indicate a wide circulation of non-validated information, often disseminated by institutional profiles and influencers, which recommend plants and herbal medicines for the treatment of symptoms. Expanding access to reliable information in different environments, whether in the media, on digital social networks, or in community spaces, is essential to strengthen society's ability to discern between data and false information.

Keywords: misinformation; climacteric; menopause; herbal medicine; phytotherapy

1 INTRODUÇÃO

O climatério é uma fase fisiológica que marca a transição do período reprodutivo para o não reprodutivo das mulheres, geralmente entre 40 e 65 anos. Compreende a pré-menopausa, menopausa e pós-menopausa, caracterizada por uma redução significativa na produção de estrogênio e progesterona, hormônios que regulam funções reprodutivas,

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

ósseas, cardiovasculares e emocionais (Santoro et al., 2021; Genazzani et al., 2021). Essa mudança hormonal provoca sintomas como ondas de calor, insônia, alterações emocionais, secura vaginal, perda de densidade óssea, dores articulares, ganho de peso e dificuldades cognitivas. Além dos sintomas físicos, o climatério também impacta emocional e socialmente as mulheres, especialmente em uma sociedade que muitas vezes associa o envelhecimento feminino à perda de valor, beleza e produtividade (Folha de S. Paulo, 2025).

A terapia de reposição hormonal, por exemplo, é uma estratégia para evitar o agravamento dos sintomas do climatério, embora esteja associada a riscos adicionais, como eventos tromboembólicos, doenças cerebrovasculares e maior incidência de câncer de mama e endométrio (Brasil, 2020). Como alternativa segura, ganha atenção a terapia complementar de substituição, que utiliza recursos não medicamentosos, impulsionada pelos avanços nas pesquisas sobre as propriedades medicinais de ervas e sua eficácia na minimização dos sinais e sintomas nessa fase (Poluzzi et al., 2020).

Nesse cenário, as plantas medicinais e os fitoterápicos se destacam, frequentemente divulgados como soluções naturais e isentas de efeitos colaterais. Contudo, essa percepção nem sempre encontra respaldo na ciência. A automedicação, sobretudo com produtos de origem vegetal, tem se torna uma prática comum no Brasil, país onde cerca de 77% da população relata utilizar medicamentos sem prescrição médica (Silva; Almeida; Tavares, 2022).

Como agravante, na internet, circulam informações nem sempre validadas cientificamente, muitas vezes promovidas por influenciadores, terapeutas alternativos ou profissionais sem formação na área da saúde (Kamida; Rizeto; Mungiolli, 2021).

A desinformação sobre saúde nas plataformas digitais agrava este quadro. Dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (Brasil, 2023) apontam que 78% dos brasileiros utilizam redes sociais como principal fonte de informação sobre saúde e a pesquisa ainda revela um cenário preocupante quanto à disseminação de desinformação: 5 a cada 10 brasileiros relatam se deparar frequentemente com notícias que parecem falsas (50,8%). Esses números destacam a gravidade do problema das *fake news* e do seu potencial de influência na sociedade.

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

A atenção primária à saúde enfrenta dificuldades no cuidado com mulheres no climatério, priorizando mais programas materno-infantis e negligenciando populações trans e não binárias, que passam por essas mudanças hormonais, aumentando sua invisibilidade (Folha de S. Paulo, 2025; Oliveira, 2023; Nicolau et al., 2021). Essa invisibilização contribui para um descaso ainda maior nos serviços de saúde e na produção de conhecimento científico sobre suas demandas.

Diante desse panorama, o presente trabalho tem como objetivo avaliar criticamente as informações sobre o uso de plantas medicinais no manejo dos sintomas do climatério disseminadas nas plataformas digitais, confrontando-as com as evidências científicas disponíveis, como o Manual de Atenção à Mulher no Climatério do Ministério da Saúde (Brasil, 2008).

2 DESENVOLVIMENTO

A) Referencial teórico

A escolha do tratamento dos sintomas do climatério deve ser personalizada, considerando os riscos e benefícios para cada paciente. Pode-se optar por métodos hormonais, não hormonais ou combinações, sempre associadas a mudanças de hábitos, prática regular de exercícios e alimentação adequada (Copolla et al, 2023). O Manual de Atenção à Mulher no Climatério / Menopausa (Brasil, 2008) destaca que a mulher deve ser reconhecida como protagonista de sua trajetória, acessando informações e suporte profissional necessários para decidir como vivenciar essa fase e reconhece ainda o uso de fitoterapia como uma das opções terapêuticas, com indicação de padronização e dosagem específicas, seus possíveis efeitos colaterais e contraindicações.

Um fitoterápico é, conceitualmente, um medicamento feito exclusivamente a partir de matérias-primas vegetais ativas, com eficácia, riscos, reprodutibilidade e qualidade devidamente comprovados. Medicamentos que contenham substâncias ativas isoladas ou combinações dessas, independentemente da origem, não são considerados fitoterápicos, conforme RDC 48/2004 da Anvisa (Brasil, 2004).

Apesar de facilitarem o acesso a informações, as plataformas digitais também se tornaram ambientes férteis para a propagação de desinformação também no campo das

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

terapias naturais e do uso de fitoterápicos (Silva; Almeida; Tavares, 2022; Teixeira, Junior, 2021).

O fenômeno da automedicação, culturalmente enraizado no Brasil, agrava esse cenário. Orlandi e Noto (2005) destacam que a automedicação é amplamente praticada, não apenas por dificuldades no acesso aos serviços de saúde, mas também por uma percepção social que associa produtos naturais à ideia de segurança e ausência de efeitos adversos. Essa percepção, embora comum, ignora os riscos associados ao uso indiscriminado de plantas medicinais e fitoterápicos, que podem gerar interações medicamentosas, toxicidade hepática, reações alérgicas e até agravar quadros clínicos (Silva; Almeida; Tavares, 2022).

A desinformação é ainda mais preocupante quando se considera a invisibilidade de pessoas transmasculinas e não binárias nos discursos oficiais e nas práticas clínicas sobre o climatério. Nicolau et al. (2021) ressaltam que, embora essas pessoas possam vivenciar a menopausa, caso possuam ovários, suas experiências são sistematicamente apagadas das políticas públicas, da produção científica e dos serviços de saúde, o que contribui para uma marginalização ainda maior no acesso às informações seguras e nos cuidados adequados.

B) Procedimentos metodológicos

Como abordagem metodológica optou-se pela utilização da etnografia digital para o mapeamento dos conteúdos sobre indicação de tratamento para sintomas climatéricos. A etnografia, neste contexto, tem como objetivo estudar as atitudes humanas no ambiente online, considerando fatores e mecanismos de comunicação mais abrangentes como as plataformas digitais (Kozinets, 2014).

Assim, o objetivo geral foi avaliar a indicação de tratamentos dos sintomas do climatério compartilhados nas plataformas digitais e uma revisão bibliográfica na temática e consulta às bases oficiais de saúde.

Na primeira etapa, mapeou-se canais do Youtube, Instagram e X (antigo Twitter) com critério de relevância de acessos na temática, identificando (i) perfil dos produtores do conteúdo; (ii) indicações e área de conhecimento e (iii) número de visualizações. A coleta e análise dos dados foram planejadas de modo a permitir uma compreensão

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

abrangente e crítica sobre o fenômeno da disseminação de informações relacionadas ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos no manejo dos sintomas do climatério e foi realizada no período 11/2024 a 03/2025, utilizando os termos “plantas medicinais menopausa”, “fitoterapia para climatério”, “tratamento natural menopausa”, “sintomas menopausa” e “remédios naturais climatério”.

C) Resultados

Os resultados obtidos no levantamento nas plataformas evidenciam uma ampla disseminação de informações sobre o uso de plantas medicinais para o manejo dos sintomas do climatério, sendo que boa parte dessas informações não possui respaldo científico formal ou não está alinhada às recomendações oficiais de saúde pública, como o Manual de Atenção à Mulher no Climatério (Brasil, 2008).

Com a sistematização da dinâmica de produção dos conteúdos dos canais de maior visibilidade, identificamos características dos disseminadores de informações nas plataformas digitais. Entre os produtores: a) maioria mulheres b) nutricionistas e ginecologistas; c) Canais predominantes: vinculam-se a Saúde e Cuidados Pessoais/Beleza.

Quanto ao nível de visualizações: encontra-se uma variação de visualizações e acompanhamento com mais de 22 milhões de seguidores (o mais acessado - Youtube) a 33 mil (o menos acessado – X/ antigo Twitter) denotando diversidade de acessibilidade e interesse do público (conteúdos com vídeos mais longos no Youtube e na plataforma X predominância de textos com limitação de caracteres e vídeos curtos). O Instagram com mais de 10 milhões de seguidores nos 10 canais mais acessados reforçam porque essa mídia social é uma das mais reconhecidas como uma plataforma de divulgação em ferramentas integrativas.

Os principais recursos fitoterápicos e/ou plantas medicinais recomendados nas postagens incluíram *Morus nigra* (amora), *Curcuma longa* (cúrcuma), *Lepidium meyenii* (maca peruana), *Trigonella foenum-graecum* (feno-grego) e, de forma recorrente, compostos como óleo de primula e canabidiol. Observou-se também a citação frequente de chás calmantes (como camomila, capim-limão e erva-cidreira) para controle da

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

ansiedade e da insônia, além do uso de alimentos ricos em isoflavonas como soja, grão-de-bico e lentilha.

Entretanto, ao realizar o cruzamento dessas informações com o Manual de Atenção à Mulher no Climatério, foi possível constatar que apenas algumas dessas plantas (não foram as mais recomendadas) possuem evidências científicas: soja (*Glycine max*), o trevo vermelho (*Trifolium pratense*) e a cimicífuga (*Cimicifuga racemosa*) (Brasil, 2008).

Por outro lado, plantas como *Morus nigra*, *Curcuma longa*, *Lepidium meyenii* e *Trigonella foenum-graecum*, embora amplamente divulgadas nas redes, não constam nas diretrizes do Ministério da Saúde para o climatério, tampouco possuem, até o momento, ensaios clínicos robustos que confirmem sua eficácia no alívio dos sintomas vasomotores, psicológicos ou urogenitais típicos desse ciclo de vida (Genazzani et al., 2021; Martins et al., 2020).

A análise etnográfica dos comentários revelou algo preocupante: muitos usuários relatam benefícios subjetivos com o uso dessas plantas, destacando melhorias na disposição, na libido, no controle da ansiedade e na redução de ondas de calor. Por outro lado, também foram identificados comentários negativos, expressando frustração com a ausência de resultados efetivos ou até queixas de agravamento de sintomas, como insônia ou aumento da ansiedade, possivelmente relacionados ao uso inadequado de substâncias estimulantes presentes em alguns compostos.

Diante disso, observa-se uma tendência crescente de apropriação do discurso do “natural” como sinônimo de segurança, bem-estar e autocuidado, frequentemente desconectado das evidências científicas e das recomendações oficiais. Isso agrava o risco de desinformação, principalmente quando práticas como a utilização de plantas sem controle de dosagem, origem ou padronização fitoquímica são adotadas indiscriminadamente.

A desinformação sobre o uso de plantas medicinais no climatério, conforme evidenciado nesta pesquisa, reflete uma transformação estrutural no ecossistema da informação contemporâneo, dominado pela lógica algorítmica das plataformas digitais. Han (2023) argumenta que, na era da infocracia, a verdade é substituída pela eficácia da circulação da informação, o conteúdo mais visto e compartilhado tende a ser o que gera

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

mais engajamento, e não necessariamente o mais acurado. Essa lógica é potencializada pelo que Wardle (2017) denomina “ecossistema tóxico da informação”, em que conteúdos verdadeiros, distorcidos e falsos coexistem e são indistinguíveis para grande parte dos usuários. Nesse ambiente, as postagens sobre tratamentos naturais ganham credibilidade e alcance, mesmo quando descoladas das evidências científicas, gerando risco sanitário especialmente entre mulheres em busca de soluções acessíveis.

Essa lógica de circulação de sentidos se ancora, também, em um contexto de exclusão simbólica e precarização das políticas públicas. Fleury (2021) destaca que a desinformação em saúde não pode ser compreendida apenas como um problema de informação, mas sim como uma consequência da desinstitucionalização dos vínculos sociais e da fragilidade do SUS em promover espaços contínuos de escuta e orientação. A busca por terapias naturais nas redes digitais muitas vezes é motivada por experiências de acolhimento precário, principalmente entre mulheres e pessoas trans em climatério, que se veem invisibilizadas nos serviços de saúde. Embora Lévy (1999) aponte para o potencial da internet como território de inteligência coletiva, essa potência é esvaziada quando os fluxos de informação são regidos por interesses econômicos e não por princípios de construção colaborativa do conhecimento.

Desse forma, a desinformação deve ser compreendida como um fenômeno que articula aspectos cognitivos, afetivos e políticos. Para Silveira (2020), vivemos uma colonização dos espaços públicos pelo poder das plataformas digitais, que moldam hábitos, percepções e até decisões terapêuticas a partir da exploração dos dados e da economia da atenção. No campo das práticas alternativas, como a fitoterapia, essa lógica assume uma forma peculiar: produtos naturais e discursos sobre autocuidado são transformados em mercadorias simbólicas que prometem autonomia e bem-estar, mas que, ao escaparem de regulação e orientação profissional, colocam em risco a saúde coletiva. Portanto, combater a desinformação exige mais do que fiscalizar conteúdos: exige reconstruir vínculos de confiança com a ciência, democratizar o acesso ao conhecimento e fortalecer o papel da atenção primária como instância de escuta qualificada.

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

A partir desses dados, é possível inferir que o ambiente digital se tornou, simultaneamente, um espaço de acolhimento, troca de experiências e, paradoxalmente, um vetor de risco para a saúde pública, na medida em que permite a propagação de informações não validadas. A ausência de referências científicas nas postagens — verificada em mais de 77% dos conteúdos analisados — não é um detalhe isolado, mas um reflexo das falhas estruturais na comunicação científica e na formação dos próprios profissionais de saúde que, muitas vezes, também recorrem ao discurso simplificado e não fundamentado para atingir maior alcance digital (Folha de S. Paulo, 2025; Silva; Almeida; Tavares, 2022).

Outro dado relevante identificado durante a análise foi a recorrência do discurso centrado na medicalização dos sintomas do climatério, evidenciado, inclusive, na indicação indiscriminada de psicofármacos como solução para lidar com alterações emocionais como ansiedade, depressão, insônia e irritabilidade.

Adicionalmente, a análise dos conteúdos divulgados na plataforma X revelou um dado preocupante: até mesmo perfis institucionais, como o canal oficial da Prefeitura de São Paulo, participaram ativamente da propagação de informações desconectadas das recomendações do Ministério da Saúde, indicando sugestões terapêuticas que incluíam o uso de chás e suplementos de Soja (*Glycine max*), Trevo Vermelho (*Trifolium pratense*), Cimicífuga (*Cimicífuga racemosa*) e Valeriana (*Valeriana officinalis*). Por fim, os resultados apontam para a necessidade urgente de intervenção tanto no campo da educação em saúde, quanto na formulação de políticas públicas mais eficazes de divulgação científica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa demonstram a existência de uma desconexão significativa entre o conhecimento científico consolidado, representado por diretrizes oficiais, como por exemplo o Manual de Atenção à Mulher no Climatério (BRASIL, 2008), e o conteúdo que circula massivamente nas plataformas digitais sobre o uso de plantas medicinais e fitoterápicos no manejo dos sintomas do climatério. Esta discrepância não configura apenas um fenômeno informacional, mas reflete problemas na comunicação com a sociedade e evidencia falhas na atenção primária, que deveria ser o primeiro

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

espaço de acolhimento, escuta e orientação qualificada para as pessoas que vivenciam esse ciclo de vida.

A ausência de referências baseadas em evidências nas postagens analisadas, associada à divulgação de recomendações que divergem das diretrizes oficiais, agrava o risco de práticas terapêuticas inadequadas, especialmente no que se refere ao uso indiscriminado de plantas medicinais e suplementos naturais, fenômeno já reconhecido na literatura como uma consequência da desinformação digital, associada à fragilidade dos serviços de saúde e à cultura da automedicação no Brasil (ORLANDI; NOTO, 2005; GENAZZANI et al., 2021). A análise também revelou que o discurso da medicalização no contexto do climatério, evidenciado pela recorrente indicação de psicofármacos para o manejo dos sintomas emocionais, sem que sejam oferecidas alternativas integrativas, acolhimento psicossocial ou intervenções educativas. Esta realidade é agravada pela facilidade de acesso a esses medicamentos no Brasil, seja por prescrição simplificada, seja por meio de vendas online, o que reflete uma cultura de medicalização do sofrimento, historicamente direcionada, sobretudo, aos corpos das mulheres e, atualmente, também às pessoas trans e não binárias, que seguem invisibilizadas tanto nos serviços quanto nos próprios materiais educativos disponíveis (SILVA; ALMEIDA; TAVARES, 2022; ORLANDI; NOTO, 2005; NICOLAU et al., 2021).

Esse artigo buscou investigar a divulgação de informação sobre tratamento dos sintomas do climatério e menopausa nas plataformas digitais e nos documentos oficiais de saúde. A pesquisa destacou a importância fundamental do enfrentamento à desinformação por meio de estratégias integradas de divulgação científica e popularização do conhecimento, na perspectiva da saúde da mulher e pessoas com mídia, nas redes sociais digitais, ou nos espaços comunitários, é essencial para fortalecer a capacidade da sociedade de discernir entre dados e informações falsas.

Ademais, os achados deste trabalho revelam uma dinâmica compatível com o que Byung-Chul Han (2023) define como infocracia: um regime informacional em que a verdade cede lugar à performance e à viralização. As redes digitais, em vez de

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

promoverem o esclarecimento, funcionam como arenas de dispersão, nas quais o excesso de dados, muitas vezes desconectados de critérios científicos, paralisa o julgamento crítico. Nesse contexto, práticas terapêuticas naturais passam a ser legitimadas não por sua comprovação, mas por sua repetição em espaços de influência, colocando em risco a saúde pública ao deslocar a autoridade do saber técnico para a autoridade da visibilidade.

Essa lógica é agravada por um ecossistema digital que, segundo Claire Wardle (2017), mistura desinformação, má-informação e informações genuínas, dificultando o discernimento dos usuários. Ao mesmo tempo, a análise crítica precisa reconhecer, como propõem Sonia Fleury (2021) e Sergio Amadeu da Silveira (2020), que a desinformação não é apenas um problema cognitivo, mas uma expressão das fragilidades institucionais. Onde o Estado falha em garantir acesso pleno à saúde e educação de qualidade, florescem soluções paralelas que alimentam falsas promessas. Logo, o enfrentamento à desinformação exige não apenas filtros técnicos, mas reconstrução de vínculos sociais, reconhecimento da diversidade de corpos que experienciam o climatério e fortalecimento da atenção básica como espaço de escuta, orientação e emancipação cidadã.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. *Pesquisa sobre desinformação e consumo de informações em saúde no Brasil*. Brasília, DF: MCTI, 2023. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/4686075/CGEE_OCTI_Resumo_Executivo-Perc_Pub_CT_Br_2023.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de atenção à mulher no climatério: abordagem multiprofissional*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atencao_mulher_climaterio.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

FOLHA DE S. PAULO. Sintomas fisiológicos da menopausa são subestimados, diz pesquisa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2025/03/sintomas-fisiologicos-da-menopausa-sao-subestimados-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 30 maio 2025.

GENAZZANI, A. R. et al. Recomendações da Sociedade Internacional de Menopausa sobre a saúde da mulher na meia-idade e terapia hormonal na menopausa. *Climacteric*, v. 24, n. 6, p. 505-524, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13697137.2021.1977997>. Acesso em: 30 maio 2025.

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

KAMIDA, G. Y.; RIZETO, H. F. S.; MUNGIOLI, M. C. P. Fake news e desinformação: como a disseminação de conteúdo por influencers pode prejudicar a saúde pública. *Anagrama*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 1–17, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2021.191545>. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/8296917a-97c1-4428-a666-a0648119c17d/003056322.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. 203 p.

MARTINS, I. M. et al. Fitoterapia e menopausa: do conhecimento tradicional à evidência científica. *Frontiers in Pharmacology*, v. 11, p. 1-15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3389/fphar.2020.00576>. Acesso em: 1 jun. 2025.

NICOLAU, A. et al. Climatério em homens trans: invisibilidades, desafios e caminhos para o cuidado integral. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 3, p. 789-798, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000300012>.

OLIVEIRA, T. M. de. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2, p. e5374, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5374>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5374>. Acesso em: 30 mai. 2025.

ORLANDI, F. S.; NOTO, A. R. Automedicação na população brasileira: fatores associados e riscos. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 1, p. 71-77, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000100010>. Acesso em: 02 jun. 2025.

POLUZZI, E. et al. Produtos fitoterápicos usados na menopausa: uma revisão sistemática e meta-análise. *Menopausa*, v. 27, n. 5, p. 538-546, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1097/GME.0000000000001491>. Acesso em: 01 jun. 2025.

SILVA, R. P.; ALMEIDA, L. M.; TAVARES, M. F. Desinformação em saúde e redes sociais: o caso da fitoterapia no climatério. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 8, p. 3123-3132, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.08752021>. Acesso em 30 mai. 2025.

TEIXEIRA, J. P.; JUNIOR, W. C. A. Fitoterápicos e práticas integrativas: riscos do uso envolvidos e desafios na formação profissional. *Revista Saberes da Amazônia*, v. 4, n. 2, p. 88-101, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsda.v4i2.2021.14671>. Acesso em: 02 jun. 2025.

FLEURY, S. Informação em saúde, democracia e políticas públicas: reflexões sobre a pandemia de Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 3345-3354, 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.13552021>

HAN, B.-C. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2023.
LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

SILVEIRA, S. A. da. Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2020.

WARDLE, C. Fake news. It's complicated. First Draft, 2017. Disponível em:
<https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>. Acesso em: 30 jun. 2025.